

As lágrimas e as setas. Os *Pia Desideria* de Herman Hugo, S. J. em Portugal

A Maria de Lourdes Belchior que sempre soube formular as perguntas justas

I - M. Praz, esse mestre ainda hoje não substituído dos estudos sobre a Emblemática, sintetizou, com o apoio de estudos anteriores, em 1946, a importância da obra do jesuíta belga no quadro vasto dos livros de emblemas dedicados ao amor – ao amor profano e ao amor sacro¹. Mais tarde, quase vinte anos depois, em 1964, completava essas notas e, no âmbito da sua sempre útil bibliografia dos livros de emblemas com que enriquecia, então, a tradução inglesa desses seus *Studi sul Concettismo*, descrevia, com rigor bibliográfico, as principais edições dos *Pia Desideria* de que a primeira apareceu em Antuérpia em 1624 *typis Henrici Aertssenii*². E, um pouco mais sumariamente, apontava as mais notáveis traduções e adaptações dessa obra de larga fortuna editorial e, talvez, de ainda maior descendência e influência, influência não só nos domínios da literatura de espiritualidade³ – e não apenas católica, pois foi adaptada e adoptada em terras reformadas⁴ – e de alguma que podemos dizer, à falta de melhor, religiosa e moral – poesia incluída, naturalmente –, mas também da iconografia. A atenção que Julián Gállego lhe concede⁵, através da tradução para castelhano, é bem significativa do seu lugar na teoria e práticas simbólicas nas artes plásticas do século XVII e, talvez, mesmo do seguinte...

Curiosamente, como acontece tantas vezes em outros domínios, M. Praz não refere qualquer edição da obra de Herman Hugo em Portugal - também é certo que não a houve... - nem qualquer tradução sua para português. Além das traduções francesa (1ª ed., 1627), flamenca (1ª ed.,

¹ M. PRAZ, *Studi sul Concettismo*, Firenze, 1946, 179-186.

² M. PRAZ, *Studies in Seventeenth-Century Imagery*, Roma, 1964, 376-379.

³ J. de GUIBERT, *La Espiritualidad de la Compañía de Jesús*, Santander, 1955, 245-246 traz algumas notas que permitem enquadrar os *Pia Desideria* em toda uma literatura de espiritualidade que explora "el gusto por los símbolos, aun complicados y traídos de muy lejos...".

⁴ M. PRAZ, *Studies in Seventeenth-Century Imagery*, ed. cit., 378.

⁵ J. GÁLLEGO, *Visión y Símbolos en la Pintura Española del Siglo de Oro*, Madrid, 1968, 118.

1629), polaca (1ª ed., 1673), italiana (1ª ed., 1776), dinamarquesa (1738), inglesa (1686), germânica (1662), descreve a raríssima primeira edição da tradução castelhana devida ao também jesuíta Pedro de Salas (Valladolid, 1633) e dá algumas indicações sobre as edições seguintes desta tradução que correu com ligeiras adaptações do texto e das gravuras⁶, adaptações que, assinaladas com mais detenção por Pedro F. Campa⁷ com base na edição de 1658 (Valladolid) ainda esperam também o estudo definitivo sobre o seu significado... Adiantemos que, seguramente, além de algumas das edições latinas, a tradução castelhana circulou, como era de esperar, em Portugal⁸.

II - Ora, em 1687, em Lisboa, o editor Miguel Deslandes publicava, da autoria de José Pereira Veloso, uns *Desejos Piedosos de Huma Alma Saudosa do seu Divino Esposo Jesu Christo*, um título que, mesmo que o seu autor não o declarasse depois, fazia suspeitar tratar-se de uma obra de algum modo relacionada com a de Herman Hugo. E, na verdade, assim é: estreitamente dependente, mas, como veremos, em que não se propõe uma tradução da obra total do jesuíta de Bruxelas. E, ainda que tenhamos ocasião de o fazer um pouco mais precisamente, será interessante anotar, desde já, que o seu aparecimento - relativamente tardio - coincide com os primeiros momentos da reacção a Miguel de Molinos em Portugal. Como terá sido editada, em tal contexto, uma obra que, por meio de emblemas - texto e imagem - e do seu documentado comentário, propunha, na articulada estrutura dos seus 45 emblemas distribuídos por três livros - *Gemitus, Vota, Suspiria* -, desenvolvendo, subtilmente, uma técnica de meditação afectiva centrada nas jaculatórias, fugir para as montanhas perfumadas (*Cant. 8*) da alta contemplação (III, 15)?⁹ Percebemos que as setas (*iacula*) do amor - do amor sacro, naturalmente - se prestassem admiravelmente ao jogo e à sua

⁶ M. PRAZ, *Studies in Seventeenth-Century Imagery*, ed. cit., 377. Aproveitemos para assinalar que M. ALCOCER Y MARTÍNEZ, *Catálogo Razonado de Obras Impresas en Valladolid. 1481-1800*, Junta de Castilla y León, 1993, 320, ao registar (nº 803) a segunda edição de *Afectos Divinos con Emblemas Sagradas* (Valladolid, Gregorio de Bedoya, 1638), escreve: "Como se ve esta edición, aunque del mismo impresor y en el mismo año, es distinta de la anterior". Confessaremos que não logramos "ver" nesse *Catálogo* essa edição anterior? A Biblioteca Nacional de Lisboa possui um exemplar desta edição em que foram cortadas quase todas as gravuras da *Primera Parte* e alguma da *Segunda*.

⁷ Pedro F. CAMPA, *Emblemata Hispanica. An Annotated Bibliography of Spanish Emblem Literature to the Year 1700*, Durham and London, 1990, 103.

⁸ A Biblioteca Nacional de Lisboa, além do exemplar da edição de 1638, guarda cinco exemplares da edição de 1658 (Valladolid, Gregorio de Bedoya), alguns, porém, em péssimo estado de conservação.

⁹ Para as nossas referências à obra de Herman Hugo utilizaremos a edição dos *Pia Desideria* impressa em Antuerpia por Lucas de Potter em 1676.

representação iconográfica delicadamente velada pela sua "exposição" em cenas infantis.

Tanto quanto podemos saber, a obra de José Pereira Veloso, tal como o autor, nunca mereceram qualquer estudo, mesmo depois de, há muitos anos, Maria de Lourdes Belchior Pontes ter tentado apurar-lhe as edições¹⁰ e de ter chamado a atenção para o seu interesse. É certo que, então, o que preocupava Maria de Lourdes Belchior era a análise da "colaboração" – fundamental, como ponto de partida do trabalho de Pereira Veloso – do seu Fr. António das Chagas¹¹. Com efeito, aí vem publicados os *Cânticos* em que o *fradinho* terá interpretado, devota e poeticamente, os emblemas dos *Pia Desideria*...

Desse livreiro versado em livros "ascéticos e predicativos" que, segundo o Abade de Sever, terá sido José Pereira Veloso, nascido em Lisboa onde faleceu em 7.VII.1711, pouco mais sabemos que estas escorreitas notícias que se lêem na *Biblioteca Lusitana*¹². Juntando, porém, algumas notícias dispersas e não muito precisas, acrescentemos a esse *Sermão do Glorioso Archanjo S. Miguel, pregado na igreja matriz do Arrecife de Pernambuco* (Lisboa, Miguel Deslandes, 1691) que, sob a autoridade de Barbosa Machado, se lhe atribui¹³, um *Martyrologio Portuguez* que Inocêncio possuía em ms. que supunha autógrafo¹⁴. Nada custa a admitir que, como o autor seu proprietário, também a sua livraria fosse especializada nesses livros *ascéticos e predicativos* que, a julgar pelo número dos que editou, gostava de publicar Miguel Deslandes...

Convirá, com vistas a esse estudo futuro que merece, principiar por tentar estabelecer, antes de mais, as edições dos *Desejos Piedosos*..., já que, a começar pela primeira, nem tudo corresponde ao que trazem bibliotecas e dicionários bibliográficos, catálogos de livrarias ou bibliografias eruditamente apuradas.

As mais conhecidas dessas obras registam, como primeira edição, a que saiu dos pelos de Miguel Deslandes em Lisboa em 1688. D. Barbosa Machado na *Biblioteca Lusitana*..., Inocêncio F. da Silva no *Dicionário Bibliográfico Português*..., R. Pinto de Matos no *Manual Bibliográfico*

¹⁰ Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Bibliografia de António da Fonseca Soares (Fr. António das Chagas)*, Lisboa, 1950, 122.

¹¹ Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Frei António das Chagas. Um Homem e um Estilo do Séc. XVII*, Lisboa, 1953, 387-392.

¹² D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, Officina de Ignacio Rodrigues, 1747, (aliás, Coimbra, 1965) II, 891.

¹³ Inocêncio F. da SILVA, *Dicionário Bibliographico Português*, Lisboa, 1850, II, 102 aceita a atribuição de Barbosa Machado ao livreiro lisboeta desse sermão.

¹⁴ Inocêncio F. da SILVA, *Dicionário Bibliographico Portuguez*, ed. cit., XIII, 170

Português...¹⁵, Maria de Lourdes Belchior Pontes na *Bibliografia de António da Fonseca Soares (Fr. António das Chagas)...*, J. dos Santos no *Catálogo da Importante e Preciosíssima Livraria que pertenceu aos notáveis escritores e bibliófilos Condes de Azevedo e de Samodães...*¹⁶, assinalam, sempre, essa edição como a primeira. E, embora nada diga quanto à primazia da edição que publicitava, o *Catálogo da Riquíssima Biblioteca Victor M. d'Ávila Pérez*, elaborado por A. Henriques de Oliveira¹⁷, também apenas assinala esta edição. Inocêncio..., Pinto de Matos., José dos Santos..., A. Henriques de Oliveira..., sublinham-lhe ainda a raridade. E, um tanto a modos de um complemento vistoso, acrescentemos que Clara Louise Penney no *Printed Books. 1468-1700 in the Hispanic Society of America. A Listing...* apenas refere esta mesma edição de 1688¹⁸. Infelizmente, às *Impressões Deslandesianas. Divagações Bibliográficas...* de Xavier da Cunha¹⁹ escapou esta obra de um autor que parece ter feito da casa desse Miguel Deslandes a sua editora... e talvez o seu principal fornecedor... A única excepção a esta unanimidade é o *Catálogo da Livraria do falecido distinto bibliographo e bibliophilo José Maria Nepomuceno* elaborado por Luis Trindade em que se regista, além dessa edição de 1688²⁰, uma de 1687²¹, precisamente o exemplar que, tendo depois pertencido à biblioteca dos Condes do Ameal²², pudemos conhecer.

Com efeito, já em 1687 Miguel Deslandes tinha publicado os

Desejos Piedosos de Huma Alma Saudosa do seu divino Esposo Jesu Christo: Divididos em varios Emblemas para antes da Confissão e antes e depois da sagrada Cômunhaõ: Com huas Advertencias para o mesmo intento: Em cada Emblema leva hum Cantico composto pelo Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas,

¹⁵ R. Pinto de MATOS, *Manual Bibliographico Portuguez de Livros Raros, Classicos e Cyriosos*, Porto, 1878, 454.

¹⁶ José dos SANTOS, *Catálogo da Importante e Preciosíssima Livraria que pertenceu aos notáveis escritores e bibliófilos Condes de Azevedo e de Samodães. Enriquecido de notas bibliográficas e notícias de varias edições de muitas das obras descritas...*, Porto, 1922, II, 115, nº 2423. (Citaremos sempre esta obra por *Catálogo da Livraria Azevedo-Samodães*).

¹⁷ A. Henriques de OLIVEIRA, *Catálogo da Riquíssima Biblioteca Victor M. d'Ávila Pérez*, Lisboa, 1939-1940, 629, nº 5782.

¹⁸ Clara L. PENNEY, *Printed Books. 1468 - 1700. in the Hispanic Society of America*, New York, 1965, 415.

¹⁹ Xavier da CUNHA, *Impressões Deslandesianas. Divagações Bibliographicas*, Lisboa, 1895.

²⁰ Luis TRINDADE, *Catálogo da Livraria do falecido distinto bibliographo e bibliophilo José Maria Nepomuceno*, Lisboa, 1897, 182, nº 1290 (Citaremos sempre esta obra por *Catálogo... da Livraria de José Maria Nepomuceno*). Este exemplar é, ao parecer, o que se conserva na Hispanic Society of New York. (Conf. Clara L. PENNEY, *Printed Books...*, ed. cit., 415).

²¹ Luis TRINDADE, *Catálogo da Livraria... José Maria Nepomuceno*, ed. cit., 182, nº 1289.

²² Pedro de AZEVEDO, *Livraria dos Condes do Ameal*, Lisboa, 1995, 72, nº 741.

Religioso Serafico que foi em a Provincia dos Algarves e Missionario Apostolico neste Reyno...

É um pequeno volume in 8º – utilizemos aqui esta arcaica, mas cómoda e divulgada classificação – de 323 páginas numeradas, precedidas de XVI inumeradas e de V finais igualmente sem numeração. Depois do rosto que transcrevemos, segue-se *Ao Esposo das Almas, O Amantissimo Jesus. Soneto* que vinha como *Dedicatoria dos Cânticos* do P. Chagas, segundo se declara no final do poema. A continuação, outro *Soneto: Da Introducção* que, ainda que tal não se expresse, deveria aparecer no ms. de que se serviu Pereira Velozo. Depois, a dedicatória da obra *A Gloriosissima Virgem Maria Senhora Nossa com o titulo de Madre de Deos*, assinada pelo autor e o *Prologo*. Segue-se o *Index* de cada um dos três livros em que está dividida a obra e, finalmente, a *Introducçam* que corresponde já à dos *Pia Desideria*. Finalmente, o texto de cada livro com a sua estrutura de 15 emblemas. As páginas finais inumeradas são ocupadas pelo *Index das Advertencias* – de que falaremos mais baixo – e, naturalmente, com as *Licenças* que, contrariamente ao que se declara no rosto, não são *todas as licenças necessarias*. Destas, as aprovações destinadas à licença propriamente dita do Santo Officio (1.VII.1687) são do franciscano Fr. Manuel de Santo Atanásio (Lisboa, 20.VI.1687) e do carmelita Fr. Tomé da Conceição (2.VI.1687), a destinada à do Paço é do P. Manuel Bernardes (Lisboa, 20.IX.1687); as licenças finais da Inquisição e do Paço, são, respectivamente assinadas por Jerónimo Soares, bispo Fr. Manuel Pereira e Bento de Beja Noronha (Lisboa, 1.VII.1687) e Serrão (Lisboa, 8.VII.1687); a licença final vem firmada por Marchão, Azevedo, e Ribeiro (Lisboa, 25.IX.1687). Não traz mais licenças, isto é, falta-lhe a licença *de correr* e a *taxa* e a sua falta não pode atribuir-se à perda de qualquer folha final, pois a última tem espaço de sobra para elas... Correu sem elas?

Ainda que tenhamos que abordar o assunto desde outra perspectiva, convirá ainda esclarecer que os *Desejos Piedosos* propriamente ditos, tal como os *Pia Desideria*, contêm 46 gravuras (1 do emblema de Introdução + 45 dos restantes), mas nesta edição de 1687, no *Livro Primeiro*, uma (X) está repetida no emblema seguinte (XI) e no *Livro Segundo*, outra (VII) repete-se no emblema que vem logo depois (VIII). E de algumas outras particularidades no domínio das gravuras – faltas e substituições – daremos razão mais adiante.

Como já se terá suspeitado, os *Piedosos Desejos*... não são uma tradução dos *Pia Desideria* – nem, talvez mesmo, rigorosamente falando, uma adaptação –, mas, sim, uma obra neles estruturalmente inspirada. É este trabalho que terá de ser analisado.

Que os *Pia Desideria* nas suas inúmeras edições latinas feitas *ad usum catholicum* – e quem sabe se em alguma das que se adaptaram *ad usum reformatum?* – circularam entre nós é questão que facilmente se poderá resolver pela afirmativa, embora seja mais importante vir a determinar o desde quando. Os dados que normalmente se utilizam para confirmar essa resposta, são tardios, mas parecem revelar, quando conjugados, que esse tardio manifesta uma certa tradição – longa? – de conhecimento e apreço.

Com efeito, quando Pereira Veloso, no *Prólogo* dos *Desejos Piedosos* refere que "tempo avia que desejava ouvesse no nosso idioma o livrinho intitulado *Pia Desideria...*", não só nos permite recuar alguns anos por referência a 1687..., mas também supor que, para mais sendo livreiro, sabia, como algum dos aprovadores do seu trabalho, da existência de algumas traduções.... E o citar o título da obra em latim poderá ser um indício – leve, se quisermos – de que manejava uma edição nessa língua. Por outro lado, no mesmo ano, um dos aprovadores dos *Desejos Piedosos*, o franciscano Fr. Manuel de Santo Atanásio sabe que "há mais de quarenta annos, que em o Norte um religioso da companhia de Jesu, por nome Hermanno Hugo compoz hum livrinho de emblemas com estampas que adornou com versos latinos em cada hua e o dedicou à Santidade de Urbano VIII com o título de *Pia Desideria*. Foi tam bem recebido...", o que pode revelar um conhecimento de alguma das edições que continuavam a reproduzir a primeira de 1624 e da larga fortuna editorial alcançada pela obra. E, talvez, o pensar que o jesuíta "cantor" da rendição de Breda²³ tinha publicado os *Pia Desideria* há "mais de quarenta annos"... – o que é verdade, porque o fizera há mais de sessenta... – talvez possa sugerir que conhecia a obra em alguma velha edição feita por esses anos. Houve-as em 1634 (Milão), 1635 (Colónia), 1636 (Antuérpia), 1645 (Antuérpia), 1647 (Paris; Antuérpia)... Sabemos ainda que Fr. Manuel de Santo Atanásio o leu - quererá dizer que também o leu? – "muito depois estampado e traduzido em Castelhana, adornado de versos Hespanhoes...", o que indica que conheceu a tradução de Pedro de Salas, talvez até, contas feitas àquele "muito depois", na edição de 1658. Sempre lastimaremos que Fr. António das Chagas não date muitas das suas cartas, especialmente, agora, aquela

²³ Dizemo-lo assim, em virtude de H. Hugo que foi confessor do marquês de Spinola, o ter celebrado em *Obsidio Bredano Armis Philippi IIII, Auspiciis Isabellae, Ductu Ambr. Spinolae perfecta*, Antuérpia, 1626, obra esta traduzida por Emanuel Sueiro, cavaleiro da Ordem de Cristo: *Sitio de Breda rendida a las armas del rey Don Phelipe IV. A la virtud de la Infanta Doña Isabel, al valor del Marques Ambr. Spinola*, Antuérpia, Ex Officina Plantiniana, 1627. O prefácio-dedicatória da obra à infanta Isabel Clara Eugénia contém referências muito interessante para a história literária e do sentimento religioso à volta desse acontecimento.

que escreveu a "huma senhora" – haverá algo na carta que nos obrigue a identificá-la com uma religiosa da Madre de Deus?²⁴ – na altura em que lhe remetia os *Suspiros e Saudades de Deos*, pois de outro modo não parece ser possível datar essa obra sua que se tem identificado com os *Cânticos* que vêm nos *Desejos Piedosos* e, conseqüentemente, apontar datas para a sua leitura ou releitura dos *Pia Desideria*. Se, como já foi sugerido com justos argumentos sacados de referências internas, essa carta tiver sido escrita à volta de 1680²⁵, então, também é possível sugerir que os *Cânticos*, se forem seus - o que discutiremos -, poderão datar de tempos mais próximos desse ano que desse já longínquo – relativamente, é claro – 1674 em que declarava que já não fazia nem se sentia capaz de fazer versos²⁶... Deste modo, não será violento propor que, por esses anos, teria Fr. António das Chagas de reler – pelo menos – a obra de H. Hugo. E não deixa de ser interessante – e até importante para os nossos pontos de vista – que acrescente: "veja se lhe fazem algum proveito e se quizer comunicallos a outras o faça"...²⁷. desejos e autorizações que, aqui, nos orientam para um público leitor feminino...

Francisco Manuel de Melo nas suas *Obras Métricas* (Lyon, 1665), traz uma Letrilla (*Al Santissimo Sacramento*)²⁸ que facilmente se concederá poder ser inspirada nos *Pia Desideria*, aplicando o "hieroglifo" do Amor

²⁴ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, Lisboa, Officina de Miguel Rodrigues, 1736, 246. Pelo tom..., pelas devoções que recomenda..., pelos exercícios a que alude... não se diria necessariamente dirigida a uma religiosa. A uma senhora devota vivendo no século podia Fr. António enviar os mesmos conselhos. Pelo mesmo motivo, no seu preciso contexto, pela recomendação de ir "continuando com paciencia, silencio e caridade, amor de Deos e do proximo e resignação da vontade divina" também não há que entender forçosamente que se dirige a uma freira... Pelo ir "segundo, segundo a sua disposição, a vida commua, ou convalecencia..." poderia entender-se que Chagas se dirigia, efectivamente, a uma senhora que vivia em comunidade..., mas aquele "segundo a sua disposição" tem de ser lido em correlação com a "convalecencia"... o que parece querer dizer que por "vida commua" não há que entender vida em comunidade, mas, "segundo a sua disposição" (capacidade física e psicológica) a vida "normal" que a "convalecencia" permitisse... Os conselhos espirituais a uma doente não têm por que ser imediatamente entendidos como dirigidos a uma religiosa... Por outro lado, a carta não vai encabeçada por nenhuma das fórmulas – "Madre N"... "Madre Soror N"... "Irmã muito amada"... etc. – que indicam, com segurança, tratar-se de uma correspondente religiosa..., sendo, porém, também certo, que em cartas em que é evidente que se dirige a uma freira tais fórmulas podem faltar... Ainda que, para o nosso ponto de vista, tal seja indiferente, preferimos ver na correspondente "huma senhora" não freira... De todos os modos, e isto, sim, pode ser interessante para a difusão da obra que Fr. António lhe remetia, mesmo que se trate de uma religiosa, nada indica que seja no convento da Madre de Deus....

²⁵ Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Fr. Antonio das Chagas...*, ed. cit., 395, baseando-se na alusão que no início da carta faz António das Chagas à "nossa separação" do seminário do Varatojo (1679-1680) que a epistola date de 1680.

²⁶ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes* (XV), ed. cit., 25.

²⁷ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes* (CLXII), ed. cit., 246.

²⁸ F. Manuel de MELO, *Obras Métricas*, Lyon, Horacio Boessat e Georges Remeus, 1665, II M., 57, 248.

menino com seu arco e flexas – tão frequente no livro de H. Hugo – a esse mistério. E aquele soneto (*A Iesus Niño, en el destierro pintado al pie de un árbol*)²⁹ e uma ode (*Por idea de devoción se hallava pintada el alma santa reposando al pie de una cruz*)³⁰ não poderão estar inspirados nos emblemas do jesuíta belga? Assim o cremos. Com efeito, o soneto parece interpretar, meditando-o, no emblema dos *Pia Desideria* (III, 7): *Heu mihi quia incolatus meus prolongatus est!, habitavi cum habitantibus Cedar, multum incola fuit anima mea (Psalm. 119)*, cuja *pictura* representa uma criança, com atributos deromeiro, que, chorosa, se abriga sob uma árvore que faz de cabana e diante da qual se abre uma paisagem montanhosa por onde serpenteia um rio. A ode, sem dificuldade se aceitará que se inspira no emblema *Sub umbra illius quem desideraveram, sedi (Cant. 2)*. A sua *pictura* mostra-nos uma criança alada e com coroa de espinhos, cruxificada no tronco de uma árvore ao pé da qual se encontra, sentada, em atitude contemplativa, uma outra criança que é uma rapariga. O desenvolvimento do poema, como facilmente se poderá verificar, fixa, glosando-os meditativamente, todo os pormenores da gravura. Estes são os casos mais evidentes em que, segundo estamos em crer, D. Francisco teve presente a obra de H. Hugo, mas é possível que uma investigação mais demorada venha a revelar que outros poemas, antes de mais os que declaradamente são inspirados em quadros ou gravuras, dependem, mais ou menos directamente, das *picturae* dos *Pia Desideria*. Se, efectivamente, assim for, Manuel de Melo pode vir a revelar-se um leitor mais atento dos *Pia Desideria* ou um maior conhecedor de gravuras – ou até de pinturas – que já neles se inspiravam do que aquilo que pensávamos... E se nos recordarmos, como, já tivemos, alguma vez, ocasião de o assinalar³¹, que muita de poesia devota de D. Francisco resulta da sua anuência a pedidos que lhe faziam para celebrar tal ou tal tema, talvez essas poesias que têm, como que por talagarça, alguns emblemas dos *Pia Desideria*, possam também sugerir algo sobre a circulação do livro entre nós nos fins da primeira metade de Seiscentos.

A sugestão que acabámos de fazer, poderá, talvez, receber algum conforto, se, algum dia for possível determinar com mais precisão a tradução que, antes de 1680, ano de sua morte, fez Fr. António da Assunção, o eremita das Furnas açoreanas que no século fora o Dr. António Mendes Arouca, dos *Pia Desideria*, trabalho que, a estarmos pelas notícias que nos

²⁹ F. Manuel de MELO, *Obras Metricas*, ed. cit., I M, 68, 35.

³⁰ F. Manuel de MELO, *Obras Metricas*, ed. cit., IX M, 27, 135.

³¹ José Adriano de F. CARVALHO, *A Poesia Sacra de D. Francisco Manuel de Melo*, Paris, 1974, 306 (Sep. de *Arquivos do Centro Cultural Português*, VIII, 1974, 295-404).

dá D. Barbosa Machado, legara, com outros ms. de obras originais e traduções que compusera, ao Colégio dos jesuitas de Ponta Delgada³².

Finalmente, podemos inscrever o P. Manuel Bernardes que já vimos aprovar os *Desejos Piedosos*, não só entre os leitores da obra de H. Hugo, mas também entre os que, silenciando o seu nome, dela se aproveitaram para estruturar alguns dos seus conselhos nos caminhos da *ars orandi*. Com efeito, em *Luz e Calor* (Lisboa, 1696), Manuel Bernardes, não só se faz um paladino mais da oração afectiva baseada no método das aspirações, como ainda, sem o confessar, propõe no *Opusculo V* da *Segunda Parte* dessa obra, como ilustração do *modo de exercitar esta oração*, uma série de *Orações jaculatórias ou setas espirituais para atirar ao céu e ferir o coração de Deus...*, que vêm divididas, como os *Pia Desideria*, em *Gemidos da alma penitente para os principiantes...*, *Desejos da alma devota para os aproveitados...*, *Suspiros da alma amante para os perfeitos...*³³ E, mais ainda, um simples confronto revela-nos, imediatamente, que muitas dessas jaculatórias, mesmo se mais numerosas, coincidem, naturalmente, com as que constituem os lemas do emblemas do jesuita belga. Cremos não será necessário mais para evidenciar a sua estreita dependência dos *Pia Desideria*, mas será bom recordar que esses "místicos do Norte" de quem sempre se fala a propósito de certas imagens e de certos métodos da *ars orandi* no século XVI, se prolongaram e, algumas vezes, viram revitalizadas as suas doutrinas e influências devidas a epígonos tão ilustres e influentes como Herman Hugo... Que curiosamente, também era desse mesmo Norte... Depois, para a *Nova Floresta* (Lisboa, 1706), esse *autor pio* há-de fornecer-lhe, a propósito da "Caridade do próximo", uma sentença para estimular a urgência de socorrer os que sofrem. Mas, o mais interessante é que Manuel Bernardes não só o cita, mas também traduz em verso o dístico alegado e, diante do resultado, apetece lastimar que não tenha empreendido a tradução de toda a obra³⁴.

³² D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, ed. cit., I, 327-328.

³³ Manuel BERNARDES, *Luz e Calor*, Porto, 1953, II, 369-392. Se Maria Clara R. T. Constantino, *A Espiritualidade Germânica no Pe. Manuel Bernardes*, S. Paulo, 1963 nada refere sobre a presença ou a influência de H. Hugo, já E. de Lima, *O Padre Manuel Bernardes. Sua vida, obra e doutrina espiritual*, Lisboa-Rio de Janeiro, 1965 apontou, mas sem consequências, alguns aspectos do débito do oratoriano para com o jesuita belga (p.71). E teremos sempre que lastimar não ter Manuel Bernardes utilizado os *Pia Desideria* nos seus *Exercícios Espirituais* para que, se ocupasse, definitivamente, do assunto Maria Lucília G. Pires nessa obra exemplar que sempre será o seu *Para uma leitura intertextual de "Exercícios Espirituais" do P. Manuel Bernardes*, Lisboa, 1980

³⁴ Manuel BERNARDES, *Nova Floresta*, Porto, 1949, III, 24. Do dístico citado – *Aspicis, et pateris, necque cura est ulla juvandi, / Verus amor promptam non ita tardat opem* – que não pertence ao Emblema 9 do Livro Primeiro dos *Pia Desideria*, como se indica em nota, mas, sim, ao 4 do mesmo Livro, dá o P. Bernardes a seguinte tradução: "Ves o pobre; mas descansa / Tu

De qualquer modo, quando Pereira Veloso, dirigindo-se ao seu "Curioso leitor", confessa que "tempo avia que desejava ouvesse no nosso idioma o livrinho intitulado *Pia Desideria...*", está, quer-nos parecer, não só a confirmar essas poucas notícias sobre alguns leitores "concretos" dos emblemas do jesuíta, mas também a sugerir, para além do seu apreço pessoal por uma obra que conhecia *tempo avia...*, que, igualmente entre nós, "o livrinho" ia sendo, parafraseando Fr. Manuel de Santo Atanásio, "tam bem recebido...".

Seja por modéstia ou por realidade que o declare, o seu desejo só começou a tornar-se trabalho quando, segundo expressa no mesmo *Prólogo*, lhe "trouxeram hum livrinho do Mosteiro da Madre de Deos com hum Cantico de duas oitavas a cada hum dos emblemas que o livro desejado contem, composto pelo Padre Fr. António das Chagas...". É uma notícia que, porque nunca o foi, convém agora analisar.

Como vemos, à volta de 1687, isto é, cinco anos depois da sua morte, já se atribuíam a Fr. António das Chagas esses *Cânticos* em oitavas a cada um dos emblemas dos *Pia Desideria...* Não são a tradução do poema (*suscriptio*) de cada emblema de Hugo, mas, sim, como certamente já foi apontado, "uma composição própria em que o fradinho segue, ao pé da letra, o tema proposto, desenvolvendo-o sem grandes voos líricos...", para "formar um sumario de doutrina cristã, umas vezes, outras, mais raras, poesia religiosa inspirada"...³⁵. Serão, realmente, de Fr. António das Chagas estas oitavas? A estar pelo principal argumento da prova que, depois de ter sido dita incontestável³⁶, já foi tida por categórica³⁷ para se receber definitivamente essa atribuição – a já aludida carta CLXII das *Cartas Espirituais* (Lisboa, 1736) de Fr. António das Chagas –, havemos de confessar que nela não encontramos qualquer modo de identificar *Cânticos* com *Suspiros e Saudades de Deos...* Nessa carta, como já referimos, António das Chagas envia a uma sua correspondente uns *Suspiros e Saudades de Deos* que não sabemos, porque na carta nada se diz sobre o assunto, se estavam em verso e, menos ainda, se em oitavas... Quem o afirma é o editor das *Cartas Espirituais...* no sumário que a encabeça. Que suspiros e saudades quadrem bem como tradução dos *Gemitus, Vota e Suspiria* em que vão divididos os *Pia Desideria* é um indício que, contudo, não parece poder ser tomado por prova suficiente de categórica autoria... e o afirmar, como procede "O Novo Editor" dos *Cânticos*, em 1830, que "o estilo he todo

coração sem piedade. / Quando no amor há verdade, / No socorrer não há tardança.". Será de verificar a possível dependência da tradução de Pedro Salas?

³⁵ Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Fr. António das Chagas...*, ed. cit., 389.

³⁶ Inocêncio F. da SILVA, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, VIII, 115-116.

³⁷ Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Fr. António das Chagas...*, ed. cit., 388.

vasado pelo mesmo molde d'outras poesias suas, tanto sagradas como profanas" é, para não dizer uma suspeita, uma impressão que necessita, para passar a prova, de uma análise mais acurada que ultrapasse as simples coincidências temáticas...³⁸. E, ao levá-la a cabo, valeria a pena não perder de vista que o segundo conde de Ericeira, D. Fernando de Meneses († 1699), a quem também se atribuíram os *Cânticos*, passa por ter "venerado com profundo respeito" a Fr. António das Chagas...³⁹ O próprio censor, Fr. Manuel de Santo Atanásio, aceitava essa atribuição ao missionário do Varatojo por duas razões: uma, porque Pereira Veloso assim o protesta e, outra, porque os *Cânticos* vieram da Madre de Deus, "santuário que era", segundo lhe constava, "como archivo aonde o veneravel padre depositava as melhores joyas de seus espirituais desvelos"... Duas razões que faziam "cousa [...] mui facil de crer" essa autoria... Aceitemos também que assim seja... De todos os modos, o que chegou a Pereira Veloso vindo do mosteiro da Madre de Deus tanto pode ter sido o original como uma cópia dos *Cânticos*..., mas, se aceitamos que estes se identificam com os *Suspiros e Saudades de Deus*, temos de concluir que essa origem parece representar a sua "comunicação" feita por essa senhora a quem o autor os enviara. e que ele autorizara...

Independentemente da sua real autoria, foram estes *Cânticos* - um conjunto de 90 oitavas e um soneto (provavelmente dois, como já dissemos) - que esteve na origem do trabalho de Pereira Veloso... Na origem e até certo ponto na sua base, já que os *Cânticos* de António das Chagas facilitavam grandemente o seu trabalho, pois, de certa maneira, desobrigavam-no da tarefa imensa de traduzir ou de resumir os poemas (*suscriptio*) dos quarenta e seis emblemas (1 de Introdução + 45 dos três livros) de Herman Hugo... Deste modo, Pereira Veloso podia orientar o seu trabalho para um campo que estava mais em consonância com essa sua vocação de autor de "livros ascéticos e predicativos"..., isto é, como explica no *Prologo*, apenas fazer "hua explicação moral, coartando-[se] só aos themas dos Emblemas quanto [lhe] bastasse para a conducção moral, fugindo dos sentidos tropologicos, enigmaticos e misticos, por não ser difuso"... Acrescentemos nós que Pereira Veloso não traduziu os comentários que, recheados de autoridades - com especial relevo para Santo Agostinho -, Herman Hugo pospõe a cada emblema.

Para além deste trabalho de simplificação, o livreiro lisboeta chama ainda a atenção para o facto de não irem "os emblemas pela ordem em que os poz o seu author, pois os quinze mais penitentes, preparei

³⁸ Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Fr. António das Chagas*..., ed. cit., 395.

³⁹ D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, ed. cit., II, 43.

primeiro para antes da confissão; os quinze segundos mais saudosos apliquei secundariamente para antes da sagrada comunhão e os últimos quinze mais amorosos encaminhei para depois da sagrada comunhão"... Deste modo, Pereira Veloso conferia à sua obra um sentido de texto de oração – meditação e contemplação – centrado, predominantemente, na Eucaristia, orientação que teremos ocasião de precisar. Compreende-se que cada meditação (*discurso*, segundo a classificação do autor), arrancando de uma gravura – que leva no pé um resumo (*assunto*) do emblema – com o seu lema correspondente – dado no original latino e em tradução –, termine num *Solilóquio*, género de longa tradição na literatura de espiritualidade e altamente recomendado nas práticas espirituais da ainda jovem Companhia. Por fim, como já aludimos, este conjunto textual encerrava com um *Cântico* em duas oitavas de Fr. António das Chagas.

Explicitemos um pouco melhor a natureza e alcance do trabalho do autor português realizado sobre os *Pia Desideria*.

Como se terá notado, Pereira Veloso manteve a estrutura formal da célebre obra em três livros, guardando-lhes nas portadas e índices respectivos - que traduz de Hugo - a referência original ao itinerário afectivo dos *Pia Desideria*: *Gemitus*, *Vota* e *Suspiria*. Com efeito, o *Primeiro Livro* agrupa, como *Exordio para antes da Confissão*, os *Emblemas dos gemidos da alma penitente*; o *Segundo Livro*, enquanto *Exordio para antes da Comunhão*, os *Emblemas dos affectos da alma devota* e o *Terceiro Livro*, como *Exordio para depois da Comunhão*, os *Emblemas dos Suspiros da alma amante*. Como publicaremos em Apêndice o esquema comparativo das alterações anunciadas, baste-nos aqui referir, como uma das mais significativas, a que introduziu na conclusão da obra. Os *Pia Desideria* encerram (III,15) com o emblema *Fuge dilecte mi, et assimilare capreae hinnuloque cervorum super montes aromatum* (*Cant.* 8) que é, como se sabe, um convite à via – e à vida – de contemplação unitiva. Ora, o autor português, encerra os *Desejos Piedosos* com o emblema (III, 8) *Infelix ego homo, quis me liberabit de corpore mortis huius?* (*Ad Roman.* 7) que, por meio de uma meditação no desengano e na morte, encerra uma súplica de "hua alma que pede ao divino Esposo que a solte do carcere do corpo em que vive, para o gozar na gloria"... Ora, Pereira Veloso preferiu asceticamente acentuar, ao longo do seu "discurso", a necessidade de "[derrubar] o corpo com servidão". A alteração contém uma precisa e nem sequer muito subtil diferença de encaminhamento nos caminhos da oração.

No entanto, para organizar mais internamente, quer dizer, mais profundamente a obra em função do carácter que lhe quis conferir, Pereira Veloso, não só alterou a ordem dos emblemas, mas também, como

igualmente preveniu – e já o aludimos por diversas vezes – modificou a própria estrutura emblemática da obra, já que à estrutura própria do emblema – gravura (*pictura*), lema (*inscriptio*) e declaração (*suscriptio*) – que os *Pia Desideria* mantêm inalteravelmente, substituiu uma outra que já ficou apontada, mas que podemos, para fins comparativos, visualizar mais resumidamente: gravura (*pictura*), lema (*inscriptio*), discurso, solilóquio, *Cântico* (*suscriptio*). Apesar da alteração de estrutura verificada no campo emblemático propriamente dito, pode, com alguma violência, aceitar-se que, inspirados nos emblemas (no preciso sentido técnico do termo) de Hugo, os *Cânticos* de Fr. António das Chagas, mesmo se afastados da sua sequência normal nesse conjunto significativo que é o emblema (*emblema triplex*)⁴⁰, ajudam, de certo modo, a que os *Desejos Piedosos* guardem algo do carácter específico de livro de emblemas e não sejam, pura e simplesmente, um livro de meditações ilustrado.

De quanto ficou exposto deveria ter-se tornado evidente a subjectividade da reordenação operada por Pereira Veloso e o quadro comparativo que publicamos em Apêndice mostra que, como orientação geral do seu trabalho, procurou agrupar os textos do *Cântico dos Cânticos* de marcado pendor nupcial no *Terceiro Livro*, isto é, como base da meditação para a Comunhão, momento de profunda união. Daí resultou, como mais imediata consequência, a reorganização interna de cada um dos três livros – e, logo, da obra – destinada a conferir ao resultado – *Desejos Piedosos* – um imediato sentido de manual de oração centrada na meditação penitencial e eucarística, isto é, em torno da confissão e da comunhão enquanto dois momentos indiscutivelmente fundamentais da oração. Com efeito, nos seus "discursos", em tom quase sempre marcadamente exortativo, quer levar à confissão – "confessa-te...", "chega-te à confissão"... , "busca-o [Jesus] agora na confissão humilde...", "chega-te ao confessionário com dores mui intensas da tua culpa...", "chea-te com ansias de morte..." – e, conseqüentemente, vai semeando o seu texto de conselhos para uma "boa confissão" – conhecimento próprio..., oração preparativa que seja "hum sacrifício pelos delictos cometidos"..., lágrimas de compunção..., lembrando que "gemido que não parte o coração não he gemido".... Por isso, quer lágrimas que manifestem a dor interior, quer dizer, "lágrimas nos olhos e dores no coração"... Depois, no mesmo tom, anela que a alma "desenvolva"

⁴⁰ Para além dos já citados estudos de M. PRAZ, poderão consultar-se, sobre toda esta difícil e não pacífica problemática, Giancarlo INNOCENTI, *L' Immagine Significante. Studio sull' emblemativa cinquecentesca*, Padova, 1981 e Robert J. CLEMENTS, *Picta Poesis. Literary and Humanistic Theory in Renaissance Emblem Books*, Roma, 1960, ambos com ampla e ainda não superada bibliografia. Referir aqui Paolo Giovio, entre os teóricos do emblema, e E. H. Gombrich, entre os mais profundos estudiosos do tema, é apenas uma questão de tópico.

– a palavra é sua – "os vehementísimos desejos de comungar com Jesus antes que morra" e que, para tal alcançar, "procure com toda a pressa ao seu amado Jesus a ver se o pode descobrir no Sacramento...". Mas se, para tal, recomenda que dê "brados e suspiros cheios de fervorosos actos de amor" – uma brecha para as jaculatórias –, Pereira Veloso também multiplica, então, os avisos a que essa união implica "desatar-se do mundo" e "atar-se com Christo"... , o que significa, antes de mais, estar "bem justificada". "Bem justificada", quer dizer, "bem confessada"? Então chegue-se à comunhão, mesmo que não se sinta particularmente fervorosa... Tendo, finalmente, comungado, "como não rompes o ar em soluços e partes e teu coração em pedaços de affectos de amor enternecidos?". E se a alma suplica, neste momento, em solilóquio com Cristo, que essa união seja para sempre, tem de lembrar-se que também para sempre se há-de despegar do mundo..., quer dizer, nele viver como "peregrina estrangeira neste valle de lágrimas", não tendo em comum com os outros "habitadores" mais que as "açoens necessarias"... Ao longo deste itinerário em que, evidentemente, não há qualquer paragem para reflectir sobre a frequência com que se há ou se pode receber esse sacramento, mas apenas sobre o significado da penitência e da eucaristia como momentos decisivos da oração – fundamentalmente, conhecimento próprio e união íntima com Cristo – Pereira Veloso não se cansa de repetir, muitas vezes com as mesmas ou idênticas fórmulas, os apelos, isentos de significativos pormenores concretos, ao abandono do mundo..., das vaidades..., à "boa confissão"... como preparação essencial dessa união. Deste modo, como teremos, certamente, notado, o livreiro lisboeta, por muito affectivos que sejam os seus próprios textos e alguma solução encontrada – a introdução do solilóquio, por exemplo –, saturando de affectividade – lágrimas..., affectos..., gemidos..., brados..., suspiros..., soluços..., labaredas... – esses dois momentos da oração – sem qualquer referência que os explicitasse como um método –, acabou por diluir, se não apagar mesmo, esse carácter de grande texto de oração affectiva para todos os momentos, subtilmente centrado nas jaculatórias, que, como já aludimos, se desenvolve nos *Pia Desideria* e tão bem soube acentuar o tradutor castelhano ao afirmar, na dedicatória à marquesa de Aguila Fuente, que a obra lhe permitiria "con ansiosos suspiros unirse estrechamente por amor con el espíritu de Christo y aspirar a los gozoz de la eterna patria..."⁴¹. Qualquer leitor pode ainda hoje verificar, mesmo que o sentido mais

⁴¹ Pedro de SALAS, *Affectos Divinos con Emblemas Sagradas*, Valladolid, Gabriel de Bedoya, 1638, Dedicatória, s.p. Note-se, por outro lado, a importância dos índices de *descriçiones varias...*, *comparaciones más illustres...*, e *exemplos* [de santos]... que acompanham esta edição e que a tornavam igualmente preciosa para poetas, pintores e pregadores.

profundo lhe escape, que todas as gravuras (*pictura*) dos emblemas mostram a seta ou setas (*iacula*) como o meio de união da alma, por meio do Amor, com Deus. Convirá lembrar que o uso frequente da jaculatória era considerada o método ideal de oração para manter a alma em permanente presença de Deus⁴² e, por isso, considerada por muitos autores⁴³ como o meio de alcançar os altos cimos da contemplação? Estaríamos até tentados a dizer que o abandono, por parte do autor dos *Desejos Piedosos*, da exploração do sentido enigmático – um sentido essencial do emblema – contribui também, poderosamente, para essa diluição, pois, se a busca dos sentidos mais velados do conjunto alegórico-simbólico sempre constituiu uma das mais fortes motivações – e atrações – da *philosophia* emblemática, o seu abandono retirava, de certo modo, ao meditante um meio de aprofundar, investigando esses "sentidos enigmáticos" constantemente, a sua oração e, logo, de andar mais permanentemente na presença de Deus. Poderá, contudo, compreender-se que Pereira Veloso procedesse, um tanto paradoxalmente, a essa diluição, se aceitarmos que a investigação de tais sentidos poderia favorecer orientações marcadas pelos sempre temidos perigos da alta contemplação que, por esses anos, se identificava – polemicamente, é certo – com a "oração de quiete". Recordemos, porém, que, mais tarde (Coimbra, 1718), as *Settas do Amor Divino e Cartas de Christo Senhor Nosso escritas a sua Esposa, a Alma Devota*, tradução do *Alloquium Jesu Christi ad animam fidelem* de J. J. Lanspérgio – esboço da *Pharetra Divini Amoris* do mesmo cartuxo, obra totalmente organizada para fornecer ao leitor jaculatórias para todos os momentos da vida de todos os dias e leitura dos refeitórios da Companhia de Jesus nos Países-Baixos⁴⁴ –

⁴² Pela sua autoridade e larguíssima influência e, aqui, ainda pelo estilo dos seus conselhos sobre a prática das aspirações, permitimo-nos apontar, como um exemplo maior, Fr. Luis de GRANADA, *De algunas devociones y ejercicios que el siervo de Dios debe tener entre dia y noche que, com outras páginas devotas*, publicou André de Burgos como em apêndice à sua edição de *Confesión de un Pecador delante e Jesucristo Redentor y Juez de los hombres* (Évora, 1554) do Dr. Constantino: "Entre todos estos ejercicios es muy alabado el de las aspiraciones, que son unos amorosos deseos con que el ánima prevenida del sepulcro y herida del amor de Dios, suspira y anhela con ardientes deseos por su amor y lo pide a la continua y con gran de insistencia. Y es de tan gran provecho este cuidado ejercicio, que si se hace muy a la continua: comiendo, bebiendo, andando y trabajando, y muchas veces, importa más que los ejercicios de muy largas y complejas oraciones. Este ejercicio más se continúa con deseos y gemidos interiores, que con palabras, pero todavía ayudan algo las palabras ..." in Constantino PONCE DE LA FUENTE, *Confesión de un Pecador y Escritos devocionales de Fray Luis de Granada* (Estudio preliminar, edición y notas de María Paz Aspe Ansa), Madrid/Salamanca, 1988, 122.

⁴³ E. VANSTEENBERGHE, *Aspirations in Dictionnaire de Spiritualité, d'Ascétique et de Mystique*, Paris, 1937, I, 1017-1025; José Adriano de F. CARVALHO, *Gertrudes de Helfta e Espanha*, Porto, 1981, 125-128, 417-418 et passim.

⁴⁴ P. LETURIA, *Lecturas Ascéticas y Lecturas Místicas entre los Jesuitas del Siglo XVI* in *Estudios Ignacianos*, Roma, 1957, 269-331 (298).

foi novamente publicada pelo mesmo editor da que pensamos ser realmente a terceira edição (1725) dos *Desejos Piedosos*...

Teremos acentuado demasiadamente o carácter devocional do trabalho de Pereira Veloso? Talvez não. E a confirmar essa orientação estarão as *Advertências mui necessarias para se exercitar o Sacramento da Confissão e receber por Comunhão o Santissimo Sacramento da Eucharistia* que, como um apêndice, encerram os *Desejos Piedosos*. Nessas trinta e cinco páginas o seu autor faz vinte e três advertências que vão desde o *exame da vida ao remédio para afervorar os tibios*, passando por breves sumários da matéria de cada um dos sete sacramentos, das três virtudes teologais, pela diferença de atrição e contrição, da *materia da confissão*, do valor das boas obras, etc. Facilmente se terá concluído que tais *Advertências* mais não são do que uma breve e sistematizada *ars confessandi* para uso do leitor dos *Desejos Piedosos*. E tudo quanto diz agora sobre a comunhão sacramental está contido nesse quadro e não ultrapassa a prudência canónica, prudência que se estende igualmente à comunhão *in voto*, isto é, a comunhão espiritual – tão recomendada por autores da oração afectiva e da comunhão frequente – e para a qual exige quase a mesma preparação interior que a necessária para comungar realmente.

Mas, o texto de um livro de emblemas não é apenas constituído pelas suas *inscriptiones* e *suscriptiones*, mas igualmente pelas suas gravuras (*picturae*), já que o emblema se realiza tanto no plano icónico como no plano linguístico. Inseparavelmente. E até este momento a nossa atenção, centrando-se no plano linguístico, apenas deixou leves alusões ao outro plano – o da gravuras – dos *Desejos Piedosos*.

Como já tivemos ocasião de referir, os *Desejos Piedosos* que, como se sabe, não guardam a ordem dos emblemas dos *Pia Desideria*, contêm quarenta e seis gravuras, mas, nesta primeira edição duas, como já igualmente assinalámos, estão repetidas, o que significa que apenas contamos quarenta e quatro gravuras diferentes e que, portanto, quatro emblemas (I, 11 e 12; II, 7 e 8) levam a *pictura* repetida. Precisemos estas repetições desta primeira edição.

Num dos casos (I, 11) cujo lema é *Non intres in iudicium eum servo tuo, quia non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens (Psal. 142)*, os *Desejos Piedosos*, pondo de parte a gravura do correspondente emblema (I, 10) do livro de H. Hugo, reproduzem uma gravura inspirada em outro emblema (II, 1) dos *Pia Desideria* cujo lema – *Concupivit anima mea desiderare justificationes tuas (Psal. 118)* – poderia sempre permitir desenvolver um sentido algo próximo daquele. Mas a gravura deste emblema (II, 1) dos *Pia Desideria* que se repete nos *Desejos Piedosos* (I, 12) nada

tem a ver com o lema – *Quis mihi hoc tribuat, ut in Inferno protegas me, et abscondas me, donec pertranseat furor tuus (Job. 14)* – deste emblema que tem exacta correspondência nos *Pia Desideria* (I, 12), faltando, assim, a gravura referente a este emblema de H. Hugo. Em outro caso (II, 7), de que o lema é *Surgam et circuibo civitatem, per vicus et plateas quaeram quem diligit anima mea (Cant. 3)*, os *Piedosos Desejos* adaptam a gravura do emblema correspondente (II, 11) dos *Pia Desideria*, mas repetem-na em no emblema seguinte (II, 8) que tem perfeita correspondência (III, 1) nos *Pia Desideria* cujo lema é *Adjuro vos filiae Jerusalem, se inveneritis dilectum meum, ut nuntietis ei quia amore langueo (Cant. 5)*, faltando, como se terá concluído, a gravura (III, 1) do livro de H. Hugo.

Por outro lado, quer no emblema de Introdução, quer num dos emblemas do *Livro Segundo* dos *Desejos Piedosos* (II, 2) com correspondência nos *Pia Desideria* (III, 12), a gravura desta edição – e das seguintes – da obra de Pereira Veloso não se encontra na obra de H. Hugo, não sabendo se explicar a diferença por uma originalidade do autor português ou pela edição dos *Pia Desideria* que lhe serviu de base e modelo. Algum dia, porém, haverá que tentar explicar essa diferença, já que nos poderá vir a elucidar, com mais precisão, sobre as edições dessa obra do confessor do marquês Ambrósio Spínola que circulavam entre nós.

Assim, por referência aos *Pia Desideria* – entendamos, da edição original e das que, qualquer seja a sua "maneira" ou família, a reproduzem – faltam nesta primeira edição dos *Desejos Piedosos* cinco gravuras (Introdução, I, 10 e 12; III, 1 e 12), o que significa que a obra portuguesa apenas "reproduz" quarenta e uma das gravuras originais da obra do jesuíta belga.

Convirá ainda esclarecer que, em qualquer caso, os *Desejos Piedosos* não reproduzem as gravuras dos *Pia Desideria*, utilizando antes gravuras neles directa e profundamente inspiradas. Na maior parte dos casos há uma nítida simplificação de muitos pormenores, simplificação que vai, muitas vezes, num sentido de os suprimir; em outros casos, menos numerosos, pode haver acrescentamentos importantes e significativos. Como para calibrar a importância deste trabalho será necessário não só estudar atentamente o conjunto de alterações no plano icónico, mas também determinar a sua originalidade – o que só é possível pela comparação das diferentes edições ou, talvez, melhor, das diferentes famílias de edições dos *Pia Desideria* – teremos de deixar este aspecto para um estudo a fazer, ainda que nos atrevamos a sugerir que o autor das *picturae* dos *Desejos Piedosos* possa ter-se servido de um exemplar descendente da edição que, em 1628, em Antuérpia, H. Aertssenij publicou com gravuras de Christopher de

Sichem que, segundo parece, também terão servido para a edição da tradução castelhana⁴⁵. No entanto, qualquer seja a edição que represente a sua fonte iconográfica mais directa e o grau de originalidade da edição portuguesa, Pereira Veloso – ou o artista que assim as concebeu – parece ter preferido, um pouco à "maneira" das que ilustram a tradução castelhana, que as figuras dominantes dos emblemas – o Amor e a Alma – apresentassem, guardando sempre algo do seu aspecto infantil, um ar um tanto mais "adulto" que os puros infantes das edições mais difundidas dos *Pia Desideria*. Questão técnica ou de concepção?

Neste plano da gravura devemos ainda anotar que a edição de 1687 que temos vindo a analisar apresenta ainda, antes do rosto (anteportada ou frontispício?) em folha independente que não contabilizámos, uma gravura de dimensões idênticas às que integram os emblemas representando um altar com o sacrário aberto diante do qual um sacerdote mostra, a modos de o ir distribuir, o Santíssimo Sacramento que uma criança ajoelhada comungante (?) e dois anjos, também de joelhos e segurando cada um a sua vela, adoram. À direita do sacerdote, vê-se uma águia, estando todo o conjunto coberto por uma nuvem donde vão surgindo, do plano mais longínquo para o mais próximo, pequeninas cabeças de anjos, uma pomba e, por último, a nível mais baixo, um anjo em meio corpo segurando (lançando?) uma flor. Por baixo da gravura – e também em gravação e não impresso em caracteres móveis – o título da obra em maiúsculas: DEZEIOS PIEDOZOS | DE HUMA ALMA SAUDOSA | DE SEU DIVINO ESPOSO | JESUS CHRISTO. Tal gravura que não aparece em qualquer outra edição – ou, pelo menos, nos exemplares que delas conhecemos – e não vem registada em qualquer bibliografia – exceptuando, evidentemente, o *Catálogo... da Livraria de José Maria Nepomuceno* –, está assinada por "C.B.", iniciais que, segundo E. Soares, identificam Clemente Billingue, um artista que, entre outros trabalhos para Miguel Deslandes, fez – inventou e gravou? – o retrato de Fr. António das Chagas que vem na edição das *Cartas Espirituais* que em 1682 publicou esse editor⁴⁶. E ao mesmo artista atribui o autor da *História da Gravura Artística em Portugal as picturae* dos emblemas⁴⁷.

⁴⁵ M. PRAZ, *Studies in Seventeenth-Century Imagery...*, ed. cit., 377; Pedro F. CAMPA, *Emblemata Hispanica...*, ed. cit., 103.

⁴⁶ Ernesto SOARES, *História da Gravura Artística em Portugal. Os Artistas e as suas Obras*, Lisboa, 1971, I, 128.

⁴⁷ Ernesto SOARES, *História da Gravura Artística em Portugal...*, ed. cit., 129. Curiosamente, ao parecer, E. Soares que, por lapso, diz que na obra "ocorrem quinze emblemas", viu um exemplar da edição de 1688 que possuía a gravura que referimos no texto, pois, efectivamente, como declara, "apenas na estampa do frontispício se lê a sigla C.B.F." Nenhum dos exemplares por nós consultados possui tal estampa.

Assim, esta primeira edição dos *Desejos Piedosos* apresenta-se com quarenta e sete gravuras. E algumas anomalias: falta de algumas licenças usuais..., gravuras repetidas... Terá corrido sem essas licenças? As repetições das gravuras terão sido voluntárias?

Confessemos que são são perguntas que tanto a rigidez das leis que, então, regiam a edição e distribuição de qualquer obra como a comparação desta edição de 1687 com a do ano seguinte (1688) tornam de pura retórica.... Com efeito, a edição de 1688, igualmente editada pela oficina de Miguel Deslandes, contém as duas licenças que faltam na primeira edição. A licença *de correr*, assinada por Jerônimo Soares, João da Costa Pimenta, Bento de Beja de Noronha e Fr. Vicente de Santo Tomás, está datada de 19.XII.1687 e a *taxa* leva a data de 22.XII.1687 e ambas vão, normalmente, logo depois das últimas que se registam na edição de 1687 e na mesma folha, o que mostra que a falta não se deve à perda de qualquer folha... Por outro lado, a repetição das gravuras no *Livro Primeiro* (11; 12) e no *Livro Segundo* (7; 8) está corrigida, mantendo-se as outras diferenças assinaladas, o que quer dizer que em qualquer edição dos *Desejos Piedosos* a gravura do emblema de Introdução, do emblema 11 do *Livro Primeiro* e do emblema 2 do *Livro Segundo* não são as dos *Pia Desideria* a que correspondem (Introdução; I, 10; III, 12). Também aqui terá Pereira Veloso – ou Clemente Billingue – seguido alguma edição das que introduziram algumas substituições nas gravuras dos *Pia Desideria*? De qualquer modo, não foi nas *picturae* da tradução de Pedro de Salas que se inspirou o editor ou o artista dos *Desejos Piedosos*⁴⁸.

De resto, a edição de 1688 reproduz exactamente a edição anterior, contendo igualmente as *Advertências*...

De todos os modos, parece evidente que a edição de 1687, pela falta de licenças – ou, pelo menos, se quisermos ser, quase com violência, prudentes, pela falta da publicação do seu registo no seu respectivo lugar no volume – é uma edição não perfeitamente legal e, pelas repetições de gravuras, uma edição imperfeita... Os raríssimos exemplares existentes⁴⁹ talvez possam, por isso mesmo, representar uma edição que lançada em

⁴⁸ Pedro F. CAMPA, *Emblemata Hispanica...*, ed. cit., 103 assinala correctamente as diferenças das gravuras da tradução dos *Pia Desideria* por Pedro de Salas. Como simples curiosidade, apontemos a castelhanização de duas das gravuras originais dessa edição: no emblema 2 da *Segunda Parte* o globo mundo em que a alma peregrina habita segurando um fio que a une a uma figura alada (Cristo), traz representada num delicadíssimo esboço, legendado, a cidade de Salamanca; e no emblema 7 da *Tercera Parte* o círculo com a coroa real em que se fixam as duas cruzes em que estão crucificados Cristo e a Alma frente a frente, está igualmente inscrito, no canto inferior esquerdo, um pequeno esboço, também legendado, representando Madrid.

⁴⁹ Sem pretender, naturalmente, que o exemplar que pudemos consultar seja o único, havemos de confessar que, até hoje, não lográmos encontrar outro.

1687 veio a ser recolhida... Com base nas datas das últimas licenças que autorizam a impressão do livro (Lisboa, 25. IX. 1687) e nas que, omissas nessa edição, autorizam a circulação e taxam a de 1688 (Lisboa, 19. XII. e 22. XII. 1687, respectivamente), atrevemo-nos mesmo a sugerir que essa primeira edição tenha, momentaneamente, circulado entre essas datas... Por outro lado, salvaguardadas as faltas de licenças e as imperfeições corrigidas - nem sempre, é certo, da maneira mais perfeita⁵⁰ - a conformidade dos exemplares conhecidos dessa edição com a de 1688 - identidade de portada, disposição e paginação, etc. - permite até perguntar se o editor, impresso novamente o rosto com a data alterada (1688), não se terá limitado a aproveitar os exemplares da edição anterior? Não era o primeiro caso. Mas nada disto impede, porém, que esses raros exemplares representem a primeira edição.

III - Podemos agora seguir a fortuna editorial de estes *Desejos Piedosos* inspirados nos *Pia Desideria*, estudando umas quantas questões que levantam algumas das edições que aparecem bibliograficamente registadas e que, apesar da raridade dos exemplares, procuramos controlar.

À sempre registada edição publicada em Lisboa por Miguel Deslandes em 1688 que, a fiarmo-nos em datas, seria, assim, a segunda, poderia ter-se seguido uma outra se, acreditando na memória do autor do *Dicionário Bibliográfico Português*, nesse sentido quiséssemos interpretar a sua palavra: "Vi, além desta, [1688] outra edição ainda do século XVII, com péssimas gravuras feitas em madeira"⁵¹. Havemos de confessar que não lográmos ver qualquer exemplar desta edição com (ou mesmo sem...) gravuras em madeira. Que houve edições dos *Pia Desideria* com gravuras em madeira, como a que foi publicada em Antuérpia em 1628 por H. Aertssenii, sabemos-lo, porque o regista M. Praz⁵². As gravuras em madeira que viu Inocêncio representam a realidade de uma edição portuguesa dos *Desejos Piedosos* ou uma confusão com uma edição dos *Pia Desideria*? Ou, mais provavelmente, o autor do *Dicionário Bibliográfico Português* estabelece uma confusão com a edição de 1754 que, efectivamente, tem

⁵⁰ A nossa afirmação baseia-se no exame do exemplar dos *Desejos Piedosos* de 1688 conservado na Biblioteca da Ajuda (101-II-59). Com efeito, no emblema 12 do *Livro Primeiro* foi colada sobre a gravura repetida, de modo a desfazer o erro da repetição, a gravura que correctamente lhe pertencia. Posteriormente, porém, essa gravura sobreposta foi arrancada, vindo-se ainda, contudo, os vestígios da colagem e alguns nítidos fragmentos da gravura correcta. Parece legítimo sugerir que este exemplar ilustra não sóalgum dos processos urgentes a que se recorreu para a correcção da edição de 1687, mas também as falhas dessa correcção que, apesar de tudo, como sempre aconteciam...

⁵¹ Inocêncio F. da SILVA, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, ed. cit., V, 101.

⁵² M. PRAZ, *Studies in Seventeenth-Century Imagery...*, ed. cit., 377.

"péssimas gravuras" em madeira? Não sabemos, mas suspeitamos que assim poderá ter sido, embora Inocêncio F. da Silva registre esta última edição sem qualquer comentário.

José dos Santos no seu sempre citado – e verdadeiramente sempre citável – *Catálogo da Importante e Preciosíssima Livraria que pertenceu aos notáveis Escritores e Bibliófilos Condes de Azevedo e de Samodães...*⁵³, regista uma edição que Domingos Gonçalves teria publicado em Lisboa em MDCCIV (1704), edição que também não lográmos ver. No entanto, apesar da descrição que fornece parecer traduzir uma realidade e não uma confusão, estaremos, igualmente, em dizer que, confundindo-a, ao parecer, com a de 1754, abona uma edição talvez inexistente. Com efeito, segundo o célebre livreiro, esta edição, além de ser, como as outras, em 8º e possuir, como elas, dezasseis páginas preliminares e "as gravurinhas da edição primitiva" – que, como dissemos, também para J. dos Santos era a de 1688 – só possuía 287 páginas, quer dizer, faltavam-lhe precisamente as trinta e seis páginas (trinta e cinco de texto e uma, par, em branco que correspondia ao *Index* das *Advertências* que, obviamente, tinha igualmente de faltar) que em 1687 e em 1688 ocupavam as *Advertências*... Ora, a edição de 1754 tem precisamente este número de páginas... Mas, as toscas e quase incompreensíveis gravuras de madeira de 1754 poderiam ser, para um conhecedor como J. dos Santos, essas "gravurinhas da edição primitiva"? Estas, se não são uma obra prima da arte da gravura – já foram mesmo, com algum exagero, segundo nos parece, ditas "de má execução"⁵⁴ –, têm, contudo, uma qualidade estética que lhes permite manter honradamente algumas comparações. Apesar desta observação estamos em crer que, por confusão, o célebre livreiro inventou esta edição de 1704. Anotemo-la, apesar de tudo.

Quase todos os autores registam a edição que em Coimbra foi publicada em 1725, mas também quase todos parecem repetir o erro do autor do *Dicionário Bibliográfico*.... Com efeito, o grande bibliógrafo e bibliófilo que foi Inocêncio, por distração, seguramente, atribui esta edição a José António da Silva, cujo verdadeiro nome é José Antunes da Silva. E os que, seguramente, sem verem qualquer exemplar assim o afirmam, fazem-no, sem dúvida, sob a autoridade de um mestre nem sempre confessado⁵⁵. Só Maria de Lourdes Belchior Pontes, na sua *Bibliografia de António da Fonseca Soares (Fr. António das Chagas)*... descreveu correctamente –

⁵³ José dos SANTOS, *Catálogo da Livraria Azevedo-Samodães...*, ed. cit., II, 115, nº 2423.

⁵⁴ Ernesto SOARES, *História da Gravura Artística em Portugal...*, ed. cit., 129.

⁵⁵ R. Pinto de MATOS, *Manual Bibliográfico Portugez*, ed. cit., atribui esta edição a António da Silva..., e o mesmo se verifica em José dos SANTOS, *Catálogo da Livraria Azevedo-Samodães*, II, 115, nº 2423. Anote-se que os dois autores também omitem o nome do editor da edição de 1754.

melhor, quase correctamente, pois omite os dados referentes às gravuras – esta edição que, como algumas dos *Pia Desideria*, não traz estampas. Nem publica as licenças. Curiosamente, esta pobre edição, que, atribuindo os *Desejos Piedosos* a Fr. António das Chagas e, por isso, omitindo qualquer referência a Pereira Veloso – aproveitando, porém, as suas *Advertências*... – , foi ampolosamente dedicada pelo editor coimbrão ao reitor da Universidade, Francisco Carneiro de Figueiroa...

Em 1754, em Lisboa, Domingos Gonçalves voltou a reeditar os *Desejos Piedosos*. Essa edição, reproduzindo, com uma disposição próxima, o rosto da de 1687, leva , como já várias vezes foi referido, as gravuras da primitiva edição, mas toscamente gravadas em madeira. E correu sem as *Advertências*... e igualmente sem a publicação das licenças que anuncia no rosto.

Foram estas as edições dos *Desejos Piedosos*.

Anotemos, porém, que em 1830, a Real Imprensa da Universidade de Coimbra imprimia e editava, com um título – *Suspiros e Saudades de Deos*... – que, como já sabemos, pretende reivindicar para os *Cânticos* a autoria de Fr. António das Chagas, as oitavas que Pereira Veloso publicara pela primeira vez em 1687. O trabalho, dedicado aos missionários do Varatojo, vem assinado por "O Novo Editor", um anónimo que Inocêncio F. da Silva identifica com Joaquim Inácio de Freitas, um professor de Retórica que acabou revisor tipográfico da Imprensa da mesma Universidade⁵⁶. Omitindo os discursos e solilóquios de Pereira Veloso, esta edição apenas contem os "assuntos" – entendamos, os sumários de cada emblema que o livreiro lisboeta coloca por baixo de cada gravura –, os lemas de cada emblema, os dois sonetos e as oitavas do missionário varatojano. Como não sabemos exactamente se, além dos *Cânticos*, o manuscrito que da Madre de Deus mandaram a Pereira Veloso continha esses "assuntos" e os lemas em latim e na sua tradução em português, também não sabemos até que ponto este trabalho que pretende reconstituir a obra que, ca. 1680, Fr. António das Chagas enviou "a huma senhora" sua correspondente, alcança a sua pretensão... A única reconstituição que, certamente, com plena segurança, se poderá dizer lograda é a da ordem dos emblemas... Com efeito, o autor da edição dos *Suspiros e Saudades de Deos* dispôs o texto de Fr. António das Chagas pela ordem correspondente à dos *Pia Desideria* e não à dos *Desejos Piedosos*.... Ora, se tudo isto faz com que não se possa, verdadeiramente, dizer que esta obra de 1830 e a de 1687 sejam "uma obra

⁵⁶ Inocêncio F. da SILVA, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, ed. cit., IV, 85-86; VIII, 15 - 116; XII, 71 - 72.

única", nada impede, contudo, que aceitemos também declarar Joaquim Inácio de Freitas um "editor cuidadoso"⁵⁷.

VI - Com estas notas sobre os *Desejos Piedosos*, desencadeadas pela sua primeira edição – edição, ao que sabemos, até agora desconhecida – procurámos começar a responder a uma pergunta que se lançou em 1953: "O livro *Pia Desideria* de Hermano Hugo teve grande voga entre nós?"⁵⁸. Enquanto esperamos por um estudo mais vasto que urge fazer, tentámos chamar a atenção para alguns indícios da sua divulgação no seu texto latino e na sua tradução-adaptação em castelhano⁵⁹ – indicações que, por agora, não registam entusiasmos muito temporãos pela obra – acentuando, como parece ser de fazer perante os dados disponíveis, o relativamente tardio dessa obra portuguesa que, sem ser, mesmo que aparentemente o pretenda ser, uma tradução dos *Pia Desideria*, ajudou, certamente, a consagrar essa tradição e a divulgar alguns pontos do seu programa de oração. Convirá sempre não esquecer que os *Pia Desideria*, como em geral toda a literatura emblemática digna de tal nome, eram – e, talvez, o sejam hoje ainda mais – uma obra de uma profunda erudição, erudição que começa pela sua língua e, mal grado os esforços do autor por a tornar acessível, termina pela sua complexa linguagem simbólica. O *livrinho* de Herman Hugo, mesmo sob esse seu aspecto de livro de bolso que lhe dá o seu in 8º, não era uma obra para todos, mas era livro que, a julgar pela sua extraordinária difusão, todos desejavam possuir. Talvez – estaríamos mesmo em dizê-lo sem talvez – o encanto das suas gravuras de cenas infantis com esses *amorini* que, como outros com formas mais ou menos angélicas, povoam tanta da pintura e da gravura do século XVII, tenha contribuído para esse interesse. No entanto – confessemos-lo, como matiz do que acabámos de afirmar – os *Pia Desideria* poderiam sempre ser "lidos" de uma forma mais simplificada, entendamos, lidos apenas nas suas gravuras e nos seus lemas, sendo que estes, pela sua brevidade e pela sua fonte – textos bíblicos relativamente "identificáveis": salmos..., *Cântico dos Cânticos*..., *Epístolas* paulinas..., etc. – eram, por serem altamente divulgados – quase um património cultural "popular" –, de sentido acessível. As gravuras apenas os ilustravam⁶⁰. Foi, no fundo, esta

⁵⁷ Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Bibliografia de António da Fonseca Soares (Fr. António das Chagas)*..., ed. cit., 123 e *Fr. António das Chagas*..., ed. cit., 388, respectivamente.

⁵⁸ Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Fr. António das Chagas*..., ed. cit., 341.

⁵⁹ Note-se o que em *Al Lector* de 1633 informa Pedro de Salas sobre o seu trabalho: "Em la traducion soy libre, passo algunas cosas, ô porque tocan más fabulas que las que pide la claridad de mi intento, ô porque en la lengua latina tienen mas lugar y decencia algunas periphraisis que en nuestro español tambien mudo algunas emblemas, añado mucho proprio, ô con engañio de mi elecion, ô con acierto de la verdad, ô arrebatado de el numen poetico, y sentimiento de mi espiritu."

⁶⁰ Ainda que um tanto lateralmente, convirá aqui não só recordar que E. OROZCO, *Manierismo y Barroco*, Salamanca, 1970 tem páginas ainda hoje fundamentais sobre "tendencia a lo visual,

leitura dissolvente do conteúdo emblemático que, apesar de tudo, como vimos, uma certa estrutura apoiava, que propôs Pereira Veloso ao aproveitar de Herman Hugo, como dissemos, pouco mais que a gravura e o lema de cada emblema, acrescentando, como igualmente ficou anotado, no pé de cada gravura, como garantia de compreensão, certamente, um breve resumo de cada emblema. E as, pelo menos, quatro edições – ou três, se quisermos defender que a primeira foi uma edição "evanescente"... – que logrou entre 1687 e 1754 a "tradução" portuguesa dos *Pia Desideria* poderão sempre ser, sem violência, invocadas como prova do interesse com que era acolhido entre nós tão belo livro. O que, talvez, é já um começo de resposta.

E tudo isto num clima um tanto caldeado não só pelas reacções a um Miguel de Molinos conhecido, sobretudo, por decretos e bulas, mas também marcado pelo polémico pietismo da Jacobeia, sem esquecer que algumas das mais fortes reacções contra o autor do *Guia Espiritual* vieram de algum partidário dos chamados jacobeus. E, arriscando um pouco, poderia até, olhando a datas e propostas, perguntar-se se não deveremos integrar essas edições como um dos resultados desse movimento de reforma que foi a Jacobeia, melhor, talvez, as jacobeias... Que as houve gracianas..., franciscanas..., etc.⁶¹ Para além desse carácter rigorista que as tingia, todas, fazendo da oração mental um ponto central do seu programa, propunham, se não mesmo insistiam como o P. Chagas ou o P. Bernardes, as jaculatórias e a presença de Deus como "louváveis exercícios"⁶². E uma

plástico y pictórico, en los escritores místicos y ascéticos", em que alude à importância dos livros de emblemas nesse quadro, mas também registar de David Freedberg, *Il Potere delle Immagini. Il Mondo delle figure: reazioni e emozioni del pubblico*, Torino, 1993, notável obra de conjunto que, no seu capítulo VIII: "*Invisibilia per visibilia*. La meditazione e gli usi della teoria", foca igualmente o assunto. Refira-se, no entanto, e com alguma estranheza, o silêncio que sobre os *Pia Desideria* perpassa nas *Actas del I Simposio Internacional de Emblemática* (Coordinación de Santiago Sebastián López, Teruel, 1994

⁶¹ António Pereira da SILVA, *A Questão do Sigilismo em Portugal no Século XVIII. História, Religião e Política nos Reinados de D. João V e de D. José I*, Braga, 1964, aborda de um modo ainda não superado o movimento da "Jacobéia", mas conviria aprofundar essas páginas de modo a tornar mais precisos os seus matizes para além da política e da polémica... que foi o que, geralmente, melhor fixaram decretos e pastorais.

⁶² Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Fr. António das Chagas...*, ed. cit., 256-257; António Pereira da SILVA, *A Questão do Sigilismo em Portugal...*, ed. cit., 125. As páginas fundamentais que Maria de Lourdes Belchior dedicou à *doutrina das "Cartas Espirituais"* do P. Chagas deverão, algum dia, ser completadas com o estudo dos seus conselhos sobre o ritmo da sua *ars orandi* a aplicar de acordo com os progressos na vida interior... Lembremos, por exemplo, a propósito precisamente das aspirações, o que aconselha, segundo o sumário da carta, "a huma religiosa que começava vida de espirito": "O exercicio das respirações dou a V. M. para as horas desocupadas e vagas, suppondo aquella hora de oração em que V. M. deve occuparse pela manhã, e à noite se poder e está seja agora no que V. M. mais gostar, ou mais ha mister, como he o conhecimento de Deos, conhecimento próprio, dor dos peccados, vida e morte de nosso Senhor Jesu Christo, com

obra que se reclamava de Fr. António das Chagas – a ponto de em 1725 (notemos a data em relação aos começos e progressos da Jacobeia) se publicarem os *Desejos Piedosos* como obra de sua total autoria – deveria ser bem-vinda nesses sectores dos "virtuosos"... E poderemos ainda, algum dia, descobrir que os *Desejos Piedosos* fossem mesmo um desses "livrinhos de doutrina e oração" que, "algumas vezes" os missionários do Varatojo levavam consigo "para repartirem por caridade com os povos a fim de aumentarem a sua devoção"⁶³... E se assim tiver sido, teríamos, então, encontrado uma boa pista para completar a resposta a essa pergunta formula há quarenta anos...

De todos os modos, ao reorganizar os *Pia Desideria*, centrando-os na meditação sobre a Confissão e a Comunhão, insistindo tanto na penitência como meio de dar sentido aos *vehementes desejos* de comungar como, dados por cumpridos exigentes pressupostos e disposições, na facilidade de realizar esse desejo de comungar, Pereira Veloso oferecia nos *Desejos Piedosos* uma obra que, pelo seu equilíbrio, era como que uma ponte simples - mas uma ponte - entre tempos e margens do difícil mundo da oração em Portugal..., como, aliás, por toda a parte. Talvez estas sugestões nos expliquem, para além das razões estéticas, um pouco melhor o acolhimento que mereceu esse *livrinho* editado pela primeira vez em 1687. E, valha o que valer, o seu aparecimento, por fins desse ano – se forem justas as nossas sugestões que sobre este ponto ficaram apontadas –, não coincidiu, de certo modo, com a publicação da bula *Coelestis pastor...* (20.IX.1687) que, confirmando factos e perigos, divulgava as proposições condenadas de Molinos – as suas e as que se lhe terão atribuído? Não

muita guarda dos sentidos, de cujos documentos estão os livros cheyos." (*Cartas Espirituales* [CLV], ed. cit., 233)

⁶³ Fr. Manuel de MARIA SANTÍSSIMA, *Historia da Fundação do real Convento e Seminario do Varatojo*, Porto, António Álvares Ribeiro, 1799, I, 266. Somos conscientes de estar a utilizar um dado da experiência missionária "de interior" do próprio autor da *História* do seminário apostólico fundado por Fr. António das Chagas e não um dado para ele já histórico e referido aos tempos em que nos situamos. Com efeito, Fr. Manuel de Maria Santíssima não diz "levavam"... mas, sim, "levam"... Uma prática já tradicional? Não sabemos, mas não nos repugna aceitar, enquanto o estudo sistemático que urge fazer sobre as "missões do interior" – especialmente para estes tempos do seu arranque – não provar o contrário, que, já nos fins do século XVII e na primeira metade do seguinte, tal prática se poderia verificar. Se, com efeito, como escreve E. OROZCO, *Manierismo y Barroco...*, ed. cit., 130, "esta necesidad de la imagen como medio visual de reforzar la enseñanza y comunicación doctrinal, lleva, pues, al desarrollo y multiplicación de esos libros con grabados", não custará muito a aceitar que os missionários também os distribuíssem já por estes anos. O que importará, porém, é procurar determinar se o faziam com alguma regularidade que, mesmo que não fosse muita – e não parece, a julgar por aquele "algumas vezes", que fosse assim tanta no tempo de Fr. José de Maria Santíssima –, denote uma metodologia significativa de doutrinação.

exploremos demasiadamente as coincidências, mas não deixemos de as anotar. A História também se faz com elas.

José Adriano de Freitas Carvalho

Summary: *This essay is an attempt at identifying the most conspicuous moments of the diffusion and editorial success of the Pia Desideria, by H. Hugo, S.J., in Portugal. After a reference to the main readers of the work in the second half of the 17th century (Francisco Manuel de Melo, Frei António das Chagas, OFM., Padre Manuel Bernardes, C. Orat.), the Desejos Piedosos, by José Pereira Veloso is analysed, using one of the rare surviving copies of its first edition (Lisbon, 1687). The latter work is an adaptation of the Pia Desideria based, for the iconography, on the 1658 Castillian translation by A. Salazar, S.J. The work enjoyed a relatively successful diffusion as a manual for the preparation for confession and for communion. It is this use that this essay aims at contextualizing within the spiritual currents of late 17th century Portugal.*

APÊNDICES

I

Correspondência entre os emblemas de *Desejos Piedosos* e dos *Pia Desideria*

Emblema de Introdução - Domine ante te omne desiderium meum et gemitus meus a te non est absconditus. *Ps. 37*

Desejos Piedosos

Pia Desideria

Livro Primeiro

- | | |
|--|-------|
| 1 - Averte oculos meos, ne videant vanitatem. <i>Ps. 118</i> | II, 5 |
| 2 - Deus tu scis insipientiam meam, et delicta mea a te non sunt abscondita. <i>Ps. 68</i> | I, 2 |
| 3 - Miserere mei Domine, quoniam infirmus sum; sana me Domine quoniam conturbata sunt ossa mea. <i>Ps. 6</i> | I, 3 |
| 4 - Vide humilitatem meam et laborem meum et dimitte universa delicta mea. <i>Ps. 24</i> | I, 4 |
| 5 - Memento, quaeso, quod sicut lutum feceris me et in pulverem reduces me. <i>Job, 10</i> | I, 5 |
| 6 - Peccavi, quid faciam tibi o custos hominum? quare posuisti me contrarium tibi? <i>Job, 7</i> | I, 6 |
| 7 - Confige timore tuo carnes meas; a judiciis enim tuis timui. <i>Ps. 118</i> | II, 4 |
| 8 - Quis dabit capiti meo aquam et oculis meis fontem lacrymarum? et plorabo die ac nocte. <i>Jerem., 9</i> | I, 8 |
| 9 - Non me demergat tempestas aquas, neque absorbeat me profundum. <i>Ps. 68</i> | I, 11 |
| 10 - Dolores inferni circunderunt me; praeoccupaverunt me laquei mortis. <i>Ps. 68</i> | I, 9 |
| 11 - Non intres in iudicium cum servo tuo, quia non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens. <i>Ps. 142</i> | I, 10 |
| 12 - Quis mihi hoc tribuat, ut in inferno protegas me, donec pertranseat furor tuus? <i>Job, 14</i> | I, 12 |
| 13 - Utinam saperent et intelligerent acnovissima providerent! <i>Deut. 32</i> | I, 14 |

- 14 - Nunquid non paucitas dierum meorum finietur brevi?
 dimitte ergo me ut plangam paululum dolorem meum. *Job, 10* I, 13
 15 - Defecit in dolore vita mea et anni mei in gemitibus. *Ps. 30* I, 15

Livro Segundo

- I - Anima mea desideravit te in nocte. *Isa., 26* I, 1
 2 - Quando veniam et apparebo ante faciem Dei? *Ps. 41* III, 12
 3 - Concupivit anima mea desiderare justificationes
 tuas. *Ps. 118* II, 1
 4 - Utinam dirigantur viae meae ad custodiendas jus-
 tificationes tuas. *Ps. 118* II, 2
 5 - Fiat cor meum immaculatum in justificationibus
 tuis, ut non confundar. *Ps. 118* II, 6
 6 - In lectulo meo per noctes quaesivi quem diligit
 anima mea; quaesivi illum et non inveni. *Cant. 3* II, 11
 7 - Surgam et circuibo civitatem; per vicos et plateas
 quaeram quem diligit anima mea. *Cant. 3* II, 11
 8 - Adjuro vos, filiae Ierusalem, si inveneritis dilectum
 meum ut nuntietis ei quia amore langueo. *Cant. 5* III, 1
 9 - Fulcite me floribus, stipate me malis, quia amore
 langueo. *Cant. 2* III, 2
 10 - Coarctor e duobus: desiderium habens dissolvi et
 esse cum Christo. *Ad Philip. 1* III, 9
 11 - Mihi autem adhaerere Deo bonum est, ponere in
 Domino Deo spem meam. *Ps. 72* II, 13
 12 - Quemadmodum desiderat cervus ad fontes aquarum,
 ita desiderat anima mea ad te Deus. *Ps. 41* III, 11
 13 - Quis mihi dabit pennas sicut columbae volabo et
 requiscam? *Ps. 54* III, 13
 14 - Quam dilecta tabernacula tua, Domine virtutum,
 conspicit et deficit anima mea in atria Domini. *Ps. 83* III, 14
 15 - Cur faciam tuam abscondis et arbitraris me inimicum
 tuum? *Job, 13* I, 7

Livro Terceiro

- I - Quid enim mihi est in coelo et a te quid volui super
 terram? *Ps. 72* III, 6
 2 - Quis mihi det te fratrem meum sugentem ubera matris

meae, ut inveniam te foris et deosculer te et iam me nemo despiciat? <i>Cant. 8</i>	II, 9
3 - Perficies gressus meos in semitis tuis ut non moveantur vestigia mea. <i>Ps. 16</i>	II, 3
4 - Educ de sustodia animam meam ad confitendum nomini tuo. <i>Ps. 141</i>	III, 10
5 - Veni dilecte mi, egrediamur in agrum, commoremur in villis. <i>Cant. 7</i>	II, 7
6 - Trahe me, post te curremus in odorem unguentorum tuorum. <i>Cant. 1</i>	II, 8
7 - [Omíte: Num quem diligit anima mea vidisti?] Paululum cum pertransissem eos, inveni quem diligit anima mea: tenui illum et nom dimittam. <i>Cant. 3</i>	II, 12
8 - Sub umbra illius, quem desideraveram sedit. <i>Cant. 2</i>	II, 14
9 - Dilectus meus mihi, et ego illi, quis pascitur inter lilia donec aspiret dies, et inclinentur umbra. <i>Cant. 2</i>	III, 3
10 - Ego dilecto meo et ad te conversio eius. <i>Cant. 7</i>	III, 4
11 - Anima mea liquefata est, ut dilectus locutus est. <i>Cant. 5</i>	III, 5
12 - Heu mihi, quia incolatus meus prolongatus est; habitavi cum habitantibus Cedar. <i>Ps. 119</i>	III, 7
13 - Quomodo cantabimus cantici Domini in terra aliena? <i>Ps. 136</i>	II, 15
14 - Fuge dilecte mi et assimilare caprae, hinnuloque cervorum super montes aromatum. <i>Cant. 8</i>	III, 15
15 - Infelix ego homo, quis me liberabit de corpore mortis huius? <i>Ad Rom. 7</i>	III, 8

II
Edições

Desejos Piedosos
Suspiros e Saudades de Deus

1687

I - DESEJOS | PIEDOSOS | DE HUMA ALMA SAUDOSA | do seu divino Esposo Jesu Christo: | Divididos em varios Emblemas pa- | ra antes da Confissão e antes e | depois da Sagrada Comunhão: | Com huas Advertencias para o | mesmo intento: | Por JOSEPH PEREIRA VELOZO. | Em cada Emblema leva hum Cantico, | composto pelo Venerável Padre Fr. Anto- | nio das Chagas, Religioso Serafico | que foi em a Provincia dos Algar- | ves e Missionario Apostolico | neste Reyno. | [vinheta: escudo oval com um cruz inscrita e encimado por uma coroa real] | LISBOA, Na Officina de MIGUEL DESLANDES, | Impressor de S. Mag. Anno 1687. | Com todas as licenças necessarias.

[16] p., 323, [5] p.; 15 cm.

Ante-rostro (ou frontispício?) com gravura representando um altar com o sacrário aberto e à sua frente um sacerdote mostrando o S.S. como para o distribuir na comunhão; ajoelhada, uma criança comungante ladeada por dois anjos, também de joelhos, segurando velas; o conjunto está encimado por uma nuvem do fundo da qual saem cabeças de anjos e uma pomba e, em plano mais avançado, um anjo em meio corpo segurando flores. No pé da gravura o letreiro já acima referido.

Além desta que acabámos de apontar, possui esta edição quarenta e seis gravuras correspondendo aos quarenta e seis emblemas, mas com as repetições e outras particularidades acima descritas.

Nepomuceno, 182, nº 1289.
B. P. Porto

1688

II - DESEJOS | PIEDOSOS | DE HUMA ALMA SAUDOSA | do seu divino Esposo Jesu Christo: | Divididos em varios Emblemas pa | ra

antes de Confissão e antes e | depois da Sagrada Comunhão: | Com huas
Advertencias para o | mesmo intento: | Por JOSEPH PEREIRA VELOZO. |
Em cada Emblema leva hum Cantico, | composto pelo Veneravel Padre Fr.
Anto- | nio das Chagas, Religioso Serafico | que foi em a Provincia dos
Algar- | ves, e Missionario Apostolico | neste Reyno. [vinheta: um escudo
oval com uma cruz inscrita e encimado por uma coroa real] LISBOA, na
Officina de MIGUEL DESLANDES, | Impressor de S. Mag. Anno 1688. |
Com todas as licenças necessarias.

[16] p., 323, [5] p.; 15 cm.

B. M.,II, 891; Inocência, V, 101; Nepomuceno, 182, 1290;
Belchior, 122, nº 13; P. M., 454; Santos, II, 115, nº 2423; Ávila-
Pérez., 829, nº 5782;

B.P. Ajuda [101-II-59]

B.P.Braga [Res. 173 A]

B. N. Lisboa [R.161 82 P; 161 69 P]

H. S. New York.

1688 / 1700

III - *Desejos Piedosos....*

Inocência, V, 101.

1704

IV - *Desejos Piedosos...*

Lisboa, na Officina de Domingos Gonçalves, MDCCIV
in 8º, (XVI), 287.

Santos, II, 115 nº 2423

1725

V - DESEJOS | PIEDOSOS | DE HUMA ALMA SAUDOSA | do
seu Divino Esposo Jesu Christo: | Divididos em varios Emblemas para antes
[da Confissão, e antes, e depois da | sagrada Comunhão: | Cõ huas

Advertencias para o esmo inten- | to e em cada Emblema leva hu Cântico | COMPOSTOS | Pelo V. P. Fr. ANTONIO DAS CHAGAS, | Religioso Serafico, q foi em a Provincia dos | Algarves, e Missionario Apostolico | neste Reyno. | OFFERECIDO | Ao Illustrissimo e Reverendissimo Senhor | FRANCISCO CARNEIRO | DE FIGUEIROA. | Reytor da Universidade de Coimbra, do Cõ- | selho de S. Mag. q Deos guarde, e do Geral | do S. Officio, Conego Doutoral da S. Sè | da Cidade de Lisboa Oriental, etc. | [vinheta: três estrelas entre parêntese] | EM COIMBRA: | Na Officina de Jozeph Antunes da Sylva | Impressor da Universid. Anno de 1725. | Com as licenças necessarias.

[18] p., 259; 15 cm.

Inocência, V, 102; P.M., 454; Belchior, 122, nº 13; Santos, II, 115, nº 2423

B. N. Lisboa [R 88 94 P]

1754

VI - DESEJOS | PIEDOSOS | DE HUMA ALMA SAUDOSA | do seu Divino Esposo Jesu Christo: | Divididos em varios Emblemas para antes da | Confissão, e para antes e depois da Sagra- | da Comunhão: | Por JOSEPH PEREIRA | VELOSO. | Em cada Emblema leva hum Cantico, compo- | sto pelo venravel Padre Fr. Antonio | das Chagas, Religioso Serafico que foy em a | Provincia dos Algarves, e Missionario | Apostolico neste Reyno. | [vinheta: o vulgarmente dito "emblema da Companhia"] | LISBOA: | Na Officina de DOMINGOS GONÇALVES. | MDCCLIV. | Com todas as licenças necessarias.

[8] p., 287; 14,5 cm.

Inocência V, 102; P. M., 454; Santos, II, 115, nº 2423.

B. P. Ajuda [101-II-60]

1830

VII - SUSPIROS | E | SAUDADES DE DEOS, | EXHALADOS E EXPOSTOS EM BREVES CANTICOS, | REDUZIDOS E IMITADOS | DOS | AFFECTOS SANCTOS | (*PLA DESIDERIA*) | DO | P. HERMANO HUGO | DA COMPANHIA DE JESUS, | PELO VENERAVEL P. FR.

ANTONIO DAS CHAGAS, | Missionario Apostolico neste reino, e Fundador do | Seminario de Varatojo, e por elle dirigidos ás Reli- | giosas do exemplarissimo Convento da Madre de | Deos de Lisboa, cujo Director espiritual fora por | muitos anos. | Accuradamente reimpressos nesta ultima edição, | expurgada | dos muitos erros das anteriores. | [vinheta: escudo real] | COIMBRA, | NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE. | 1830 | Com Licença da Real Commissão de Censura.

[8] p., 47; 16 cm.

Inocência, VIII, 115; Belchior, 122, nº 13; Ávila-Pérez, 195, nº 1700

B. N. Lisboa [R 240 43 P]

B. G. U. Coimbra [7-64-6-25]

Siglas de Fontes Bibliográficas e Bibliotecas:

Ávila-Pérez = Arnaldo H. de OLIVEIRA, *Catálogo da Riquíssima Biblioteca de Victor M. d'Ávila Pérez*, Lisboa, 1938

B. G. U. Coimbra = Biblioteca Geral da Universidade. Coimbra

B. M. = D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa Occidental, II, 1747 (aliás, Coimbra, 1965)

Belchior = Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Bibliografia de António da Fonseca Soares (Fr. António das Chagas)*, Lisboa, 1950

B. N. Lisboa = Biblioteca Nacional. Lisboa

B. P. Ajuda = Biblioteca do Palácio da Ajuda. Lisboa

B. P. Braga = Biblioteca Pública. Braga

B. P. Porto = Biblioteca Particular. Porto

H. S. Nova York = *Printed Books 1468-1700 in the Hispanic Society of America. A Listing* by Clara Louise Penney, New York, 1965

Inocência = Inocência F. da SILVA, *Dicionario Bibliographico Portuguez*, V, Lisboa, 1860; VIII, Lisboa, 1862

Nepomuceno = Luis TRINDADE, *Catalogo da Livraria do Falecido Distinto Bibliographo e Bibliophilo José Maria Nepomuceno*, Lisboa, 1897

P. M. = R. Pinto de MATOS, *Manual Bibliographico Portuguez*, Porto, 1876

Santos = José dos SANTOS, *Catalogo da Importante Livraria que pertenceu aos Notaveis Escriutores e Bibliofilos Condes de Azevedo e de Samodães*, Porto, 1921

